
ENTREVISTA/INTERVIEW

YVES GAMBIER

Yves Gambier é doutor em Linguística pela Université de Rouen (<http://www.univ-rouen.fr/>). Trabalhou desde os anos 1970 sobre temas como a análise do discurso e o bilinguismo, antes de se concentrar, a partir dos anos 1990 sobre a tradução audiovisual, um setor ainda inexplorado na época. Foi professor de tradução e interpretação na Universidade de Turku (Finlândia, <http://www.utu.fi/en/Pages/home.aspx>) durante quase toda a sua carreira; além disso, se dedica há anos à formação de pesquisadores no CETRA (Centre for Translation Studies, Katholieke Universiteit Leuven, Bélgica), como membro da equipe de professores. Yves Gambier foi presidente (2007-2010) do grupo de peritos do projeto European Master's in Translation (EMT), membro da direção do EMT até 2014, presidente (1998-2004) da European Society for Translation Studies (EST), presidente (1998-2004) da European Association for Studies in Screen Translation. Tem mais de 200 publicações acadêmicas, sendo autor de *Transferts linguistiques dans les médias audiovisuels* (1996), co-organizador de *(Multi)media Translation. Concepts, Practices and Research* (2001), editor convidado do periódico *The Translator* 9(2), de novembro de 2003, dedicado à tradução audiovisual, editor do periódico *Meta*, 49(2), de abril de 2004, sobre o mesmo tema, coeditor, com Luc Van Doorslaer, da *Translation Studies Bibliography* (online, 2004, regularmente atualizada) e do *Handbook of Translation Studies* (4 volumes, 2010-2013, também acessível on-line, mediante assinatura: <https://benjamins.com/online/hts/>). Sucedeu a Gideon Toury como Diretor (General Editor) da famosa coleção Benjamins Translation Library (BTL). Participou dos projetos, apoiados pela União Europeia, SLL-Subtitles and Language Learning



(2009-2012) e TIME (Translational Research Training: An Integrated and Intersectoral Model for Europe, 2001-2014), cuja conferência final, TRIG (Translation Research for Industry and Governance), ocorreu em Bruxelas em dezembro de 2014.

Jean-François Brunelière*
Universidade Federal de Santa Catarina

ENTREVISTA COM YVES GAMBIER

CADERNOS DE TRADUÇÃO (CT): O conceito de turns (cultural turn, technological turn etc.) é bem conhecido nos ET (ver SNELL-HORNBY, 2006). Você pensa que certas opções (tendências) foram mais decisivas (e poderiam, eventualmente, explicar outras)? Em vez de diversos turns (viradas), já conhecidos ou atualmente promovidos, não seria possível destacar dois ou três deles? Se pensarmos na (provável) relação entre os Estudos da Tradução e o resto da pesquisa, alguns desses turns não seriam compartilhados com outras disciplinas?

YVES GAMBIER (YG): Não sei se a noção de *turn* é pertinente, válida. O que sabemos, com certeza, é que, em menos de trinta anos, os pesquisadores em Estudos da Tradução mostraram uma vitalidade exuberante. O que eu destacaria dessa rápida evolução são as abordagens ditas *culturais* (que nos reorientaram do paradigma da equivalência para o paradigma da contextualização), *sociológica*

*Entrevista realizada em francês e traduzida para o português por Jean-François Brunelière (doutorando da Pós-Graduação em Estudos da Tradução - Universidade Federal de Santa Catarina) para a *Cadernos de Tradução*, em fevereiro de 2015.

(que, finalmente, se preocupou com o papel dos agentes, inclusive o tradutor, no processo de tradução) e a abordagem *psicocognitiva* (que vai dos estudos dos anos 90, baseados no TAP (Think Aloud Protocol), até os estudos atuais sobre os processos e a tomada de decisão). Essa diversidade reflete tanto a complexidade do objeto “Tradução/Interpretação” quanto as diversas abordagens possíveis. Obviamente, os Estudos da Tradução, essencialmente polidisciplinar, se beneficiou do avanço das tecnologias: softwares de registro de toques do teclado (*keystroke logging*) e de rastreamento ocular (*eye tracking*), para citar dois exemplos apenas. Por outro lado, a “polinização” por outras disciplinas é difícil circunscrever. Com certeza, houve numerosos empréstimos de conceitos.

CT: A virada “social/sociológica” dos últimos anos foi intensamente comentada. Foram amplamente discutidas as relações sistêmicas (os “polissistemas” e os textos de Toury, por exemplo) que, supostamente, teriam negligenciado o fator social (os ‘agentes’, os tradutores). Para você, trata-se de uma reação um tanto “corporativa”, em uma época na qual as instituições (coletivas, internacionais) dominam?

*YG: Seria isso uma virada? Durante mais de 2000 anos, falou-se muito da tradução (o produto final) e é apenas muito recentemente que começou a ser tratada a questão do trabalho (o processo) e daqueles que o realizam (os produtores). Por muito tempo, o tradutor não foi reconhecido nos seus esforços, na sua competência e na sua criatividade. Portanto, passar de uma visão ‘textualizada’ (limitada aos textos e às suas relações) para uma percepção social, ou sócio-psicológica, não representa um recuo. A tradução e todos os seus avatares contemporâneos (localização, *transediting*, transcrição, adaptação etc.), são, ao mesmo tempo, atividades historicizadas, ancoradas em situações definidas (institucionais e outras) e atos individuais (mas não atos individualistas). O sentimento ‘corporativista’ pode aparecer às vezes, pois, mais uma vez, as*

margens do objeto de investigação costumam ser mal definidas (e o estatuto do tradutor é frágil) e a posição dos Estudos da Tradução está sempre à beira de ser contestada por disciplinas bem estabelecidas (linguística, literatura comparada, filosofia) e disciplinas que tentam se estabelecer (*Adaptation Studies, Internet Studies, Intercultural Studies, Transfer Studies, Mediation Studies* etc.).

CT: O fato de um dos artigos mais importantes sobre a natureza coletiva do processo de tradução (PIEKKARI et al., 2013) ter sido escrito por pesquisadores de Organization Studies, e não dos Estudos da Tradução, pode (deve?) nos incitar a trabalhar mais a distinção entre opções sociológicas e organizacionais?

YG: Em minha opinião, a natureza coletiva do processo de tradução não foi destacada pela primeira vez pelos Organization Studies. Já houve abordagens, tais como a sociologia do “ator rede” (Actor-Network Theory), os trabalhos sobre a tradução participativa (crowdsourcing) e reflexões relativamente recentes sobre a história das mídias/dos suportes nos Estudos da Tradução... Essas abordagens evidenciaram a dimensão coletiva do trabalho de tradução, com uma dinâmica organizacional, conflitos e a presença de certa forma de ética. A nossa visão do tradutor solitário é certamente ligada ao desenvolvimento progressivo dos conceitos de autor e de direitos autorais, entre o final do século XVII e o final do século XIX. De novo, em função da complexidade e de tudo o que está em jogo na “tradução”, há espaço para várias abordagens, sem exclusividade.

CT: Em diversas oportunidades, representantes da disciplina (cf., por exemplo, BASSNETT, 2012) frisaram que, apesar do seu caráter, a princípio intrinsecamente interdisciplinar, os Estudos da Tradução tomavam emprestados conceitos de outras disciplinas, para os integrar às suas pesquisas, mas sem que a recíproca seja

verdadeira. Os recentes avanços dos Estudos da Tradução parecem ter pouca repercussão nas demais disciplinas. Pode ser notado, a título de ilustração, que pesquisas sobre a questão das línguas nas empresas quase não integram, ou de maneira relativamente decepcionante, os resultados das pesquisas dos Estudos da Tradução (cf. PIEKKARI et al., 2014). Qual seria o motivo dessa situação, em sua opinião?

YG: Os Estudos da Tradução tomaram emprestado, é verdade. E isso permitiu que dessem o salto paradigmático que evoquei há pouco. A historiografia e as condições desses empréstimos estão por se escrever ainda. No sentido contrário, poucas disciplinas tomaram emprestado dos Estudos da Tradução. Há, pelo menos, dois motivos para isso. Muitas vezes, as outras disciplinas percebem a tradução como uma metáfora, mais do que como uma atividade. A negação da tradução enquanto necessidade, esforço específico, continua em diversos setores da pesquisa. Além disso, e é o segundo motivo, o reconhecimento institucional dos Estudos da Tradução e a sua identidade ainda não se consolidaram em todas as regiões do mundo. Não pode ser confundida a formação dos tradutores e os Estudos da Tradução: muitas universidades se satisfazem com a primeira. Você solicitaria empréstimo de financiadores, cuja fiabilidade e legitimidade não são seguros? Gostaria de adicionar a esses dois motivos a questão das nossas hesitações em termos de definições. A Matemática, a Biologia, uma certa Sociologia... todas essas disciplinas falam de “tradução”. Como, e até que ponto, esse tipo de “tradução” tem a ver com o nosso objeto?

CT: *A tradução e a formação de tradutores conheceram um desenvolvimento inédito desde a Segunda Guerra Mundial, e particularmente com a progressão do fenômeno da globalização. O projeto TIME (<http://eu-researchprojects.eu/time/Statement-objectives>) demonstrou que, na era da globalização, na qual conceitos como mercados, tecnologias de comunicação, documentos multisemióticos,*

são totalmente integrados às trocas realizadas em múltiplas línguas, há uma série de setores inexplorados nos Estudos da Tradução, e pode ser observado que a pesquisa é relativamente isolada do mundo das empresas, por exemplo, apesar de elas representarem o lugar de utilização (experimentação?) das novas práticas em termos de comunicação multilinguística. Como explicar que setores inteiros, as empresas e organizações internacionais, sejam tão pouco abordadas pelos Estudos da Tradução, que se limita a tratar de assuntos técnicos (a questão da localização, por exemplo)? Para você, como a disciplina poderia se debruçar sobre esses novos setores?

YG: O passado da tradução explica parcialmente a ausência que você evoca. Por muito tempo, a tradução (enquanto prática, reflexão e história) foi reduzida à tradução dos textos sagrados e literários. Essa herança continua forte em muitos programas universitários (inclusive naqueles que não querem trabalhar com os Estudos da Tradução). A historiografia do papel e dos impactos das traduções nas trocas científicas, filosóficas, comerciais, industriais, médicas, jurídicas, diplomáticas etc. ainda deve ser escrita. Entretanto, até as historiografias das línguas e das literaturas omitem esse papel e esses impactos. Com certeza, o *economic turn* ainda não aconteceu nos Estudos da Tradução – *economic turn* entendido de duas maneiras aqui: os diversos aspectos da tradução e da interpretação como prestação de serviço remunerada e tradução como uma das possíveis soluções para lidar com a diversidade das línguas nas transações econômicas, financeiras, bancárias, aduaneiras etc. As coisas evoluem (lentamente) em comparação com as evoluções dos últimos 30 anos. A obsessão com o inglês como *lingua franca*, por parte dos meios econômicos (mas também acadêmicos) é outra explicação possível. A rápida globalização (inclusive na sua dimensão tecnológica) incita cada vez mais, tanto os Estudos da Tradução quanto os *Business Studies*, a abrirem os olhos para a complexidade e a diversidade. Em 1995, quase ninguém falava de tradução audiovisual, que já era, no entanto, um dos pilares da nossa cultura; 20 anos depois, tornou-se uma *buzz word*! Então, podemos ser otimistas...

CT: *A maioria dos trabalhos apresentados no encontro TRIG tratam de aspectos organizacionais ou da formação de tradutores, no intuito de “produzir” profissionais e serviços que “combinem” com o que os desejos dos clientes. Segundo Toury, “drawing conclusions from theoretical reasoning, or scientific findings, to actual behaviour, be its orientation retrospective (e.g., translation criticism) or prospective (e.g., translator training or policy making) [...] is up to the practitioner, not the scholar” (2012, p. 11), mas os parceiros institucionais solicitam estudos mais aplicados ao mundo acadêmico. Como você vê o papel dos Estudos da Tradução e o equilíbrio entre “serviço” a prestar para os responsáveis industriais ou políticos e a função explanatória dos fenômenos atuais de internacionalização? A escolha de uma disciplina aplicada, em detrimento da pesquisa fundamental, não seria perigosa? Como se posicionar entre a submissão dos Estudos da Tradução aos desejos imediatos dos parceiros e a necessidade de pesquisa fundamental?*

YG: Pergunta difícil! A partir do momento em que estabelecemos categorias binárias (teoria/prática, universidades/empresas, educação/formação, pesquisa fundamental/pesquisa aplicada etc.), há um risco de criar oposições estéreis, tensões. Concordo que não é o objetivo, para um pesquisador, apresentar na sua tese recomendações para profissionais. Mas esse mesmo pesquisador pode militar em favor de uma mudança das realidades, a partir do que as suas pesquisas lhe ensinaram. A lógica da pesquisa não é a lógica do sindicalismo ou da política. Além disso, não formamos profissionais para as necessidades imediatas das empresas apenas: senão, não seriam necessários 3 ou 5 anos de estudos! Resumindo: a dialética entre pesquisa e ação, entre formação profissional e reflexão crítica a respeito dessa formação, não é uma dicotomia fantasiada (do tipo: academia = “torre de marfim”, empresa = realidade). Não se trata de submeter um dos parceiros ao *modus operandi* de uma corporação, qualquer que seja. Os sociólogos descreveram, há anos, as situações de estigmatização, de discriminação e de exclusão, na França: é possível entender a sua

impaciência e irritação, enquanto cidadãos, perante a apatia dos políticos. Mesmo assim, os seus relatórios tiveram de seguir um método sociológico para esclarecer a situação de fratura social ou os efeitos das políticas de urbanização etc. Transformar o mundo não inclui interpretá-lo primeiramente, indo além dos preconceitos e das ideologias.

CT: Nesse mesmo encontro de Bruxelas, em dezembro de 2014, uma das suas últimas intervenções consistiu em instigar os Estudos da Tradução a ir além de questões de pesquisa estritamente limitadas aos aspectos de tradução para abordar questões mais amplas, como a comunicação. Você poderia desenvolver um pouco essa ideia?

YG: Para todas as ciências, sempre existe o risco, em um momento ou outro, de se fechar sobre si, de se congelar na sua institucionalização ou de se fragmentar em escolas mais ou menos rivais. Acredito que os Estudos da Tradução não estejam nessa situação. Todavia, de novo, por causa da complexidade do seu objeto de investigação, a disciplina deve estar atenta: será que ela descreve e explica todas as práticas que a interessam? Como levar em consideração as disciplinas vizinhas, quando estas tratam de outras formas de comunicação (pragmática intercultural, ciência da internet, gestão do conhecimento, semiótica etc.)? Sobretudo, quando se fala de formação, como continuar separando disciplinas que trabalham em torno do conceito de comunicação (estudos da comunicação, ciências da informação e da comunicação, documentário de *design*, jornalismo, publicidade; formação para *webmasters*, assessoria de imprensa, responsáveis da comunicação nas empresas ou na política etc.). No mundo globalizado, no qual as comunicações são cada vez mais internacionais, multilíngues, é difícil manter separadas formações com tais convergências. Desde 1994, comparei, em múltiplas oportunidades, as formações de tradutores com as de jornalistas e as competências compartilhadas por essas profissões.

Ambos trabalham com formas orais e escritas, têm uma responsabilidade sociocultural que ultrapassa a sua produção imediata; precisam desenvolver capacidades para a pesquisa documental e terminológica; devem estabelecer relações com peritos. Cada vez mais, os jornalistas realizam traduções instantâneas, sintetizam textos; os tradutores, por sua vez, devem redigir mais rapidamente, produzir traduções-resumos. Para as duas profissões, a aprendizagem da lógica do funcionamento vale mais do que a aquisição de conhecimentos que, em breve, serão obsoletos. A capacidade de decisão autônoma, assim como a competência na autoavaliação, parecem fundamentais. Hoje em dia, ambos estão confrontados com a informatização e o amadorismo (com internautas que negam, completam, discutem ou ilustram uma informação, que traduzem um documento, uma conferência, fazem a legendagem de um filme ou de um vídeo), o que reforça ainda mais as convergências – as quais os obrigam a se perguntar novamente sobre os seus deveres intelectuais, morais, financeiros ou rever as suas normas e convenções, assim como a sua ética. A redação automática de notícias, financeiras ou esportivas, apresenta analogias com o recurso ao Google Translator. Mesmo assim, os tradutores, na sua maioria, ainda estão sendo formados nas Faculdades de Letras, enquanto os jornalistas têm as suas escolas ou departamentos próprios, às vezes anexados às Ciências Políticas. Não estou negando as rivalidades entre especialistas em comunicação e jornalistas, ou o fato de que o suposto prestígio dos jornalistas esteja, geralmente, muito acima do poder dos tradutores. Mais uma vez, a análise dessas profissões permite vislumbrar possibilidades de transformações, pelo menos em termos de formação. Mas as dissensões entre disciplinas podem criar resistência para manter o *status quo*.

ENTRETIEN AVEC YVES GAMBIER

Yves Gambier, docteur en Linguistique (Université de Rouen, France), a travaillé depuis les années 1970 sur des questions telles que l'analyse du discours et le bilinguisme, avant de se concentrer à partir des années 1990 sur la traduction audiovisuelle, secteur à l'époque inexploité. Il a réalisé l'essentiel de sa carrière comme professeur de traduction et d'interprétation à l'Université de Turku (Finlande), mais partage également sa passion de la formation de chercheurs avec les professeurs de CETRA (centre de formation de doctorants en TS), dont il fait partie depuis de nombreuses années et dont il a été professeur invité en 1997. Les fonctions qu'il a occupées au sein d'organisations internationales de TS lui confèrent une position privilégiée d'observateur et d'acteur-clef dans la nouvelle discipline. Yves Gambier a été président du groupe d'experts dans le projet European Master's in Translation/EMT (2007-2010), membre du Bureau de l'EMT jusqu'en 2014, président de l'EST - European Society for Translation Studies (1998-2004), président de l'European Association for Studies in Screen Translation (1998-2004). Sa production académique est conséquente (plus de 200 publications). Il est notamment l'auteur de *Transferts linguistiques dans les médias audiovisuels* (1996), co-éditeur de *(Multi)media Translation. Concepts, Practices and Research* (2001), *guest editor* du numéro spécial de *The Translator* 9 (2), novembre 2003 sur Screen translation, éditeur du numéro spécial de *Meta*, 49(2), avril 2004, sur la traduction audiovisuelle, co-éditeur avec Luc Van Doorslaer de *Translation Studies Bibliography* (en ligne, 2004, et régulièrement actualisée) et de *Handbook of Translation Studies* (4 volumes, 2010-2013 et aussi en ligne). Il a succédé à Gideon Toury en tant que Directeur (General Editor) de la fameuse collection Benjamins Translation Library (BTL). Et il convient de souligner que des initiatives nouvelles, en matière de publication comme en matière de projets de recherche, lui

doivent leur existence. Il a ainsi fait partie de projets subventionnés par l'Union Européenne (SLL-Subtitles and Language Learning, 2009-2012 et TIME (Translational Research Training: An Integrated and Intersectoral Model for Europe, 2001-2014), dont la conférence de clôture TRIG (Translation Research for Industry and Governance) s'est tenue à Bruxelles en décembre 2014.

Lors de cette conférence TRIG, on a pu apprécier que les secteurs du Business et de l'Organisation finissent par conquérir une place qui leur manquait au sein de TS. L'objectif de cet entretien est précisément de faire suite aux débats qui ont pu avoir lieu alors, notamment de revenir sur certaines (pro)positions, qui n'ont guère été explorées jusqu'à présent et auxquelles Yves Gambier a réservé une place centrale pour l'avenir immédiat, lors de la séance de clôture.

ENTRETIEN

CT : On connaît le concept de « turns » (“cultural turn”, “technological turn”, etc.) dans TS (cf. SNELL-HORNBY, 2006). Estimez-vous que certaines options (tendances) particulières ont été plus décisives (et pourraient éventuellement expliquer les autres) ? Au lieu des multiples tournants déjà connus ou en cours de promotion, ne pourrait-on pas en retenir plutôt deux ou trois ? Y aurait-il par exemple des tournants que TS partage avec d'autres disciplines ? Car on imagine que TS ne fonctionne pas de manière isolée du reste de la recherche.

YG : Je ne sais pas si la notion de tournant est pertinente, valide. Ce qui est sûr, c'est qu'en moins d'une trentaine d'années, les traductologues ont montré une vitalité débordante. Je retiendrais

de cette rapide évolution les approches dites *culturelle* (qui nous ont fait basculer du paradigme de l'équivalence à celui de la contextualisation ciblée), *sociologique* (qui a enfin mis le doigt sur le rôle des agents, dont le traducteur, dans l'événement de traduction) et l'approche *psycho-cognitive* (qui s'étale des travaux des années 90 basés sur le TAP/*Think aloud protocol* (protocole de verbalisation concurrente ou à voix haute) aux travaux actuels sur les processus et la prise de décision).

Cette diversité reflète à la fois la complexité de l'objet « Traduction/Interprétation » et les divers angles d'approche possibles. Il est évident aussi que la traductologie, polydiscipline, a bénéficié des apports des technologies comme les logiciels de saisie de frappes (*keystroke logging*) et d'oculométrie (*eye tracking*), pour ne citer que deux exemples. Par contre, la pollinisation par d'autres disciplines reste plus difficile à circonscrire. Il y a eu certes de nombreux emprunts de concepts.

CT : *On a beaucoup parlé du revirement « social/sociologique », ces dernières années. Ainsi une discussion intense a porté sur les relations systémiques (les « polysystèmes » et les textes de Toury, par exemple) qui auraient un peu trop fait abstraction du facteur social (des « agents », des traducteurs). Selon vous, s'agit-il d'une réaction un peu « corporatiste » à une époque où les institutions (collectives, internationales) dominent ?*

YG : S'agit-il d'un revirement ? Pendant plus de 2000 ans, on a glosé sur la traduction (produit final) et ce n'est que très récemment qu'on a traité du travail (processus) et de ceux qui l'effectuaient (producteurs). Très longtemps, le traducteur a été nié dans ses efforts, ses compétences, sa créativité. Donc passer d'une vision « textualiste » (bornée aux textes et à leurs relations) à une perception sociale, sinon socio-psychologique, n'est pas manifestation d'un repli. La traduction et tous ses avatars contemporains (localisation, *transediting*, transcréation,

adaptation, etc.) sont à la fois des activités historicisées, ancrées dans des situations précises (institutionnelles et autres) et des actes individuels (différents d'actes individualistes). Le sentiment « corporatiste » peut apparaître parfois parce que, encore une fois, les franges de l'objet d'investigation sont souvent floues (et le statut du traducteur fragile) et la traductologie toujours prête d'être bousculée par des disciplines traditionnelles (linguistique, littérature comparée, philosophie) et des disciplines qui s'efforcent à émerger (*Adaptation Studies*, *Internet Studies*, *Intercultural Studies*, *Transfer Studies*, *Mediation Studies* ou médiologie, etc.).

CT : *Le fait que l'un des articles les plus spectaculaire sur la nature collective du processus de la traduction (PIEKKARI et al., 2013) soit dû à Organization Studies et non à TS peut-il (doit-il ?) nous inciter à travailler davantage sur la distinction entre les options sociologiques et organisationnelles ?*

YG : A mon avis, la nature collective de ce processus de traduction n'a pas d'abord été soulignée par les *Organization Studies*. Il y a déjà eu des approches comme la sociologie de l'acteur-réseau (*Actor-Network Theory*), les travaux sur la traduction participative (*crowdsourcing*) et les réflexions assez récentes sur l'histoire des médias/des supports en traduction... Elles ont mis en évidence que la traduction est depuis longtemps un travail collectif, avec une dynamique organisationnelle, des points de conflit, une certaine éthique à l'œuvre. Notre vision du traducteur solitaire est certainement liée au développement progressif des notions d'auteur et de droits, entre la fin du 17ème et la fin du 19ème siècle. De nouveau, vu la complexité et les enjeux de la « traduction », il y a place pour diverses approches, sans exclusive.

CT : *A plusieurs reprises des représentants de la discipline (voir, par exemple, BASSNETT, 2012) ont remarqué que, malgré*

son caractère a priori intrinsèquement interdisciplinaire TS empruntait des concepts à d'autres disciplines pour les intégrer à ses recherches, mais que le contraire n'était pas forcément vrai. Les récentes avancées de TS n'ont, semble-t-il, eu que peu de répercussions dans les autres disciplines. On peut noter, à titre d'illustration, que les recherches sur la question des langues dans les entreprises n'intègrent quasiment pas, ou de manière assez décevante, les avancées récentes de TS (cf. PIEKKARI et al., 2014). A quoi attribuez-vous cet état de fait ?

YG : La traductologie a emprunté, oui. Et cela lui a permis le saut paradigmatique dont j'ai parlé tout à l'heure. L'histoire et les conditions de ces emprunts restent à écrire. A l'inverse, peu d'autres disciplines ont emprunté à la traductologie. Au moins pour deux raisons. Elles perçoivent souvent la traduction plus comme une métaphore que comme une activité. Le déni de la traduction comme besoin, comme effort spécifique, perdure aussi dans nombre de milieux de recherche. En outre, et c'est la seconde raison, la reconnaissance institutionnelle de la traductologie, son identité ne sont pas encore affirmées partout. Il ne faut pas confondre la formation des traducteurs et la traductologie : bien des universités se satisfont seulement de la première. Emprunte-t-on à des créanciers dont la fiabilité, la légitimité ne sont pas assurées ? J'ajouterai à ces deux raisons nos hésitations définitionnelles. Les mathématiques, la biologie, la psychanalyse, une certaine sociologie... parlent de « traduction ». Comment et jusqu'où cette « traduction » croise-t-elle notre objet ?

CT : *La traduction et la formation de traducteurs ont connu un élan sans précédent depuis la Seconde Guerre Mondiale, en particulier avec le développement de ce qu'on appelle communément la mondialisation. Le projet TIME (<http://eu-researchprojects.eu/time/Statement-objectives>) a montré qu'à l'ère de cette mondialisation, où des concepts tels que marchés, technologies*

de communication, documents multi-sémiotiques sont totalement intégrés aux échanges multilingues, il y a une série de secteurs pratiquement vierges dans TS et on constate que la recherche est relativement isolée par exemple du monde de l'entreprise, lieu d'utilisation (d'expérimentation ?) de nouvelles pratiques de communication multilingue. Comment expliquer que les secteurs du Business et des Organisations Internationales soient aussi peu abordés par TS, qui traite, tout au plus, de questions techniques (par exemple la question de la localisation) ? Pour vous, quelle serait une approche intéressante de la part de TS par rapport à ces nouveaux secteurs ?

YG : Le passé de la traduction explique en partie l'absence dont vous parlez. On a longtemps réduit la traduction (comme pratique, réflexion et histoire) à la traduction des textes sacrés et littéraires. Et cet héritage est toujours fort dans bien des programmes universitaires (dont ceux notamment qui ne veulent pas avoir affaire avec la traductologie). Une histoire du rôle et des impacts des traductions dans les échanges scientifiques, philosophiques, commerciaux, industriels, médicaux, juridiques, diplomatiques, etc. reste à faire. Mais même les histoires des langues, des littératures sont souvent muettes sur ce rôle et ces impacts. Ce qui est sûr, c'est que le tournant « économique » en traductologie n'a pas encore été pris – tournant entendu dans un double sens : les divers aspects de la traduction et de l'interprétation comme service monnayé et la traduction comme une des solutions possibles face à la diversité des langues dans les transactions économiques, financières, bancaires, douanières, etc. Les choses bougent... lentement au regard des évolutions des 30 dernières années. L'obnubilation envers l'anglais comme *lingua franca* de bien des milieux d'affaires (mais aussi académiques) est une autre explication possible. La mondialisation rapide (y compris dans sa dimension technologique) pousse de plus en plus et la traductologie et les *Business Studies* à ouvrir les yeux sur la complexité et la diversité. En 1995, quasiment personne ne parlait de traduction audiovisuelle, pourtant un des piliers déjà de

notre culture ; 20 ans plus tard, c'est devenu un *buzz word* ! Alors, soyons optimiste...

CT : Lors de la conférence TRIG, la plupart des papers présentés traitaient d'aspects organisationnels ou de formation des traducteurs afin de « produire » des personnels et services « en accord » avec ce que les décideurs attendent. Alors que Toury indique que “drawing conclusions from theoretical reasoning, or scientific findings, to actual behaviour, be its orientation retrospective (e.g., translation criticism) or prospective (e.g., translator training or policy making) [...] is up to the practitioner, not the scholar” (2012, p. 11) mais que les partenaires institutionnels demandent au monde académique des études plus appliquées, comment voyez-vous le rôle de TS et l'équilibre entre « services » à apporter aux décideurs industriels ou politiques et potentiel explicatif des phénomènes qui sont en jeu actuellement dans les processus d'internationalisation ? Une option trop appliquée de la discipline, au détriment de la recherche fondamentale ne risque-t-elle pas d'être dangereuse ? Comment négocier entre soumission de TS aux attentes immédiates des partenaires et nécessité de recherche fondamentale ?

YG : Une question-piège ? A partir du moment où on pose des catégories binaires (théorie-pratique, universités-entreprises, éducation-formation, recherche fondamentale-recherche appliquée, etc.), on risque de créer des oppositions stériles, des crispations. D'accord : un chercheur n'a pas à faire dans sa thèse des recommandations pour des professionnels. Mais il peut militer pour que des réalités changent, à partir de ce que lui ont appris les recherches. La logique de la recherche n'est pas celle de l'engagement syndical ou politique. Par ailleurs, on ne forme pas pour les seuls besoins immédiats des entreprises : dans ce cas, on n'aurait pas besoin de 3 ou 5 ans d'études ! En un mot, la dialectique entre recherche et engagement, entre formation professionnelle et réflexions critiques sur cette formation ne

relève pas de dichotomies fantasmées (du genre académie = tour d'ivoire, entreprise = réalité). Il ne s'agit pas de soumettre l'une ou l'autre des parties prenantes au modus operandi d'une quelconque corporation. Les sociologues ont décrit, depuis des décennies, les situations de stigmatisation, de discrimination, de ghettoïsation en France : on peut comprendre leur impatience ou leur colère, en tant que citoyens, devant l'apathie des politiques. N'empêche, leurs rapports ont dû suivre une démarche sociologique pour faire comprendre les fractures sociales, l'échec des politiques de la ville, etc. Transformer le monde n'exclut pas d'abord son interprétation, autrement que par des préjugés, des a priori idéologiques.

CT : Lors de cette même conférence de Bruxelles, en décembre 2014, l'une de vos dernières interventions a consisté en un encouragement pour TS à dépasser les sujets d'études trop strictement limités aux aspects de traduction pour aller vers un abordage de questions plus larges, telles que celles de la communication. Pourriez-vous développer cette idée pour nous ?

YG : Toutes les sciences courent toujours le risque, à un moment ou à un autre, de s'enfermer sur elles-mêmes, de se figer dans leur institutionnalisation, de se fractionner en écoles plus ou moins rivales. La traductologie, je crois, n'en est pas là. Cependant, toujours à cause de la complexité de son objet d'investigation, elle a à être vigilante : décrit-elle, explique-t-elle toutes les pratiques qui la concernent ? Comment prend-elle en considération les disciplines voisines qui abordent d'autres formes de communication (pragmatique interculturelle, science du Web, management des connaissances, sémiotique, etc.) ? Surtout au niveau de la formation, comment continuer à séparer des disciplines qui tournent autour de la communication (formations en communicologie, en sciences de l'information et de la communication, en design documentaire, en journalisme, en publicité ; formations pour webmasters, pour attachés de presse,

pour chargés de communication en entreprise, en politique, etc.). Dans un monde globalisé où les communications sont de plus en plus internationales, multilingues, il devient impensable de tenir séparées des formations qui ont des points de convergence. J'ai souvent comparé depuis 1994 les formations de traducteurs et de journalistes, les compétences partagées de ces professions : ils travaillent sur des formes orales et écrites, ont une responsabilité socio-culturelle qui dépasse leur production immédiate; ils ont besoin d'aptitudes à la recherche documentaire et terminologique ; ils doivent savoir établir des relations avec des experts. Les journalistes sont appelés de plus en plus à faire des traductions à vue, à synthétiser des textes ; les traducteurs sont appelés, eux, à rédiger plus vite, à faire des traductions-résumés. Dans les deux professions, l'apprentissage d'une démarche vaut plus que l'acquisition de savoirs rapidement obsolètes ; l'autonomie de décision ainsi que les capacités à s'autoévaluer apparaissent fondamentales. Leur confrontation aujourd'hui à l'informatisation et l'amateurisation (avec les internautes qui contredisent, complètent, discutent, illustrent une information, qui traduisent un document, une conférence, sous-titrent un film, une vidéo) ne renforce que davantage ces convergences – qui les poussent à s'interroger de nouveau sur leurs droits intellectuels, moraux, financiers, sur leurs normes et conventions, sur leur éthique. La rédaction automatique d'annonces financières, sportives n'est pas sans analogie avec le recours à Google Translator. Et pourtant les traducteurs sont encore très souvent abrités dans les Facultés de Lettres tandis que les journalistes ont leur école ou leur filière à eux, parfois annexée aux sciences politiques. Je ne nie pas qu'il y a des rivalités entre communicants et journalistes, que l'autorité ou le prestige supposé des journalistes est loin en général du pouvoir des traducteurs. Encore une fois, l'analyse des métiers en question permet d'envisager leur transformation, au moins en termes de formation. Mais les divisions disciplinaires savent aussi organiser leur résistance pour perpétuer le status quo.

Bibliografia seleta de Yves Gambier

2003

- 2003: Traduction audiovisuelle: orientations générale, in: Daniel Gouadec & Daniel Toudic (eds.): Actes du colloque international **Spécialistes et spécialisations dans la formation et les pratiques professionnelles des traducteurs**, Rennes 20-22.9.2002. Paris: Maison du Dictionnaire, pp. 51-62.
- 2003. Screen Transadaptation: An overview, in: **Génesis**, Revista Científica do ISAI (Porto), 3, pp. 25-34.
- 2003. Les passeurs langagiers: les défis de la formation, in: Geneviève Mareschal, Louise Brunette, Zélie Guével & Egan Valentine (dir.) **La formation à la traduction professionnelle**, Ottawa: PU d'Ottawa. 3-22. Paper given at the 12th Congress of the Canadian Association of Translation Studies: *Traduire pour la société de demain, Translating for Tomorrow's Society*, à Sherbrooke, 3-5.6.1999.
- 2003. Guest-editor of the special issue: Screen Translation, **The Translator** 9 (2), November 2003, pp.171-388 (217 p.) With an introduction "Screen Transadaptation: Perception and Reception", pp. 1-19.
- 2003. Working with relay: An old story and a new challenge, in: Luis Pérez González (ed.) **Speaking in tongues. Language across contexts and users**. Valencia: PUV (Publicaciones Universitat de València), pp. 47-66.

2004

- 2004. Translation Studies: A succession of paradoxes, in: Christina Schaeffner (ed.) **Translation Research and Interpreting Research. Traditions, Gaps and Synergies**. Clevedon: Multilingual Matters, chapter 6, pp. 62-70.

- 2004. Guest-editor of the special issue: La traduction audiovisuelle, **Meta** 49 (2), avril 2004 (220p.) With an introduction : La traduction AV: un genre en expansion, pp. 1-11.

- 2004. La traductologie, *co-errance* de disciplines, in : Proceedings of the International Conference **Traduire au 21^e s. Tendances et perspectives / Translating in the XXI Century**, Thessaloniki 27-29.9.2002. pp. 179-186.

- 2004. Les maux des mots, in: Marina Nilesen (éd.) **Festkrift-Mélanges offerts à Hans Lindbäck** à l'occasion de ses 70 ans. Åbo akademi, pp. 41-45.

- 2004. Traduire le sous-texte, in: **Proceedings of the Conference Second Pelevinski Readings** (title in Russia) (Paper given with Jackie Välimäki "Translating subtext", at the Conference *Second Pelevinski Readings*, Kaliningrad/Svetlogorsk (Russia), 27-29.4.2003). pp. 158-175

- 2004. (avec Leena Salmi) Production de documents utilisateurs pour logiciels, in : Actes de GLAT-Barcelona, (Groupe de linguistique appliquée des télécommunications), Conférence internationale **The production of specialized texts: Formal structure and Academic Acquisition**, Barcelona, 12-14.5.2004. Brest: Ecole nationale supérieure des télécommunications de Bretagne. pp. 105-110.

- 2004. Tradaptation cinématographique, in Pilar Orero (ed.) **Topics in Audiovisual Translation**, Amsterdam & Philadelphia, J. Benjamins, 169-181.

-2004. Les mots et les images en traduction: sous-titres et doublage, In: H.Kittel, A.P. Franck, N.Greiner, T.Hermans, W.Koller, J.Lambert & F.Paul (éd.): **Übersetzung. Translation. Traduction. Eine Internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung. Encyclopédie internationale de recherche sur la traduction. An international Encyclopedia of Translation Studies**. Berlin & New York: Walter de Gruyter, vol.1, pp. 1047-1061.

2005

- 2005. With Olli-Philippe Lautenbacher : Plate-forme d'apprentissage: pour une transition tranquille. VI Congrès international de Traducción **Distance learning of translation and languages**, Barcelona 10-12.5.2004 (on line, 2006) + In: D.Gouadec (éd.) **Traduction & localisation : technologie et formation**, Actes du colloque international *Technologie en pratique professionnelle et en formation*, Rennes 10-11.9.2004, pp. 133-139.

- 2005. "We don't teach translation, we train translators", **Translating Today 2**, Jan.2005, pp. 23-25

- 2005. Pertinence sociale de la traductologie?, in : Actes/ Proceedings du colloque international 50^{ème} anniversaire *Meta*, 7-9.4.2005, Montréal: **Pour une traductologie pro-active/For a proactive translatology**, *Meta* 50 (4), décembre 2005 (Cédérom: texte 11, partie: Recherches théoriques). Texte traduit en turc en 2010 dans le volume d'hommage (Tribute to) au Professeur Benji-Öner (Department of Translation Studies / Bogazici University, Turkey).

2006

- 2006. Subtitling, **Encyclopedia of Language and Linguistics**, 2nd edition. Edited by Keith Brown. Oxford: Elsevier.

- 2006: Trajectoires» (pp. 47-53) & Traduction audiovisuelle: le défi du numérique (pp.55-61), in : D. Gouadec (éd.) **Traduire pour le Web**, Actes du colloque international de Rennes, 10-11.6.2005 (*Chemins parcourus et chemins à suivre*). Paris: Maison du Dictionnaire.

- 2006. Dictionnaire électronique de mathématiques: réalisation et évaluation, In: ENST Bretagne (éd.) **Aspects méthodologiques pour l'élaboration de lexiques uni- et multilingues** (Actes du colloque international de Bertinoro, 18-20.5.2006, organisé par le GLAT - Groupe de linguistique appliquée des télécommunications), pp. 163-172.

- 2006. Pour une socio-traduction, in: João F.Duarte, Alexandra Assis Rosa & Teresa Seruya (eds): **Translation Studies at the Interface of Disciplines**. Amsterdam & Philadelphia: J. Benjamins, pp. 29-42.

- 2006. Traductologie: vers une polydiscipline, conférence plénière/ plenary speech (23.10), in: S.Öztürk Kasar (éd.) **Interdisciplinarité en traduction/ Interdisciplinarity on Translation**, Proceedings of the Second International colloquium on Translation, Yildiz Technical University, Istanbul. 23-25.10.2002. Istanbul: éd. Isis. pp. 19-27 (vol.1).

- 2006. Mondialisation en cours et traduction, 16th Congress of the Canadian Association of Translation Studies/16è Congrès de l'Association canadienne de traductologie **Traduction et mondialisation/Translation and Globalisation**, Halifax 29-31.5.2003. *Meta* 51(4), pp. 848-853.

- 2006. La traduction audiovisuelle: une traduction sélective, in Jorma Tommola & Yves Gambier (eds): **Translating and Interpreting. Training and Research. Traduction et interprétation: formation et recherche. Kääntäminen ja tulkkaus. Koulutusta ja tutkimusta.** Turku: Turun Yliopisto, pp. 21-37. Repris dans **TradTerm**, 2007 (voir: 2007)

- 2006. Transformations in international news (plenary lecture), in: Kyle Conway & Susan Bassnett (eds) **Translation in Global News.** On line Proceedings <http://www2.warwick.ac.uk/fac/arts/ctccs/research/tgn/> (pages 9-22). University of Warwick, 23.6.2006.

- 2006. Orientations de la recherche en traduction audiovisuelle, **Target** 18 (2), pp. 261-293.

2007

- 2007. Traduction audiovisuelle: défis présents et à venir (invited speaker), in Elisabeth Lavault-Olléon (éd.) **Traduction spécialisée: théories, pratiques et formations** (Actes du colloque de Grenoble, 16-17.9.2005). Bern: Peter Lang, coll. Travaux interdisciplinaires et plurilingues en LEA, pp. 149-164.

- 2007. (ed. with M. Shlesinger, R. Stolze) **Doubts and Directions in Translation Studies.** Selected contributions from the 4th EST Congress, Lisbon, 2004. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 356p.

- 2007. (with E.Suomela-Salmi) Sites web universitaires: un genre à explorer?, in: Elodie Vargas, Véronique Rey & Alain Giacomi (éds) **Pratiques sociales et didactique des langues**, Etudes offertes à Claude Vargas. Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, pp. 245-264.

- 2007. Multimodality and Audiovisual Translation, **Audiovisual scenarios** (Euroconference Multidimensional Translation), Copenhagen 1-4.5.2006. http://www.euroconferences.info/proceedings/2006_Proceedings/2006_proceedings.html
- 2007. Y a-t-il place aujourd´hui pour une socio-traductologie, in: Wolf Michaela & Alexandra Fukari (eds) **Constructing a Sociology of Translation**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, pp. 205-217.
- 2007. Audiovisuaalisen kääntämisen tutkimuksen suuntaviivoja, in: Oittinen Riitta & Tiina Tuominen (toim.) **Olellaisen äärellä. Johdatus audiovisuaaliseen kääntämiseen**. Tampere: Tampere UP, pp. 73-115.
- 2007 (co-ed. with Luc Van Doorslaer). *The Metalanguage of Translation*, **Target** 19 (2), special issue. Reedited in 2009 in the series Benjamins Current Topics, no 20, 189p. Amsterdam / Philadelphia: J. Benjamins.
- 2007. How about meta? An introduction, **Target** 19 (2), pp. 189-197.
- 2007. Translation terminology and its offshoots, **Target** 19 (2), pp. 375-382.
- 2007. (with Debbie Folaron) La localisation: un enjeu de la mondialisation, **Hermès** 49, pp. 37-43.
- 2007. Réseaux de traducteurs/interprètes bénévoles, **Meta** 52 (4), pp. 658-672.
- 2007. Sous-titrage et apprentissage des langues, **Linguistica Antwerpiensa** 6, special issue on *A tool for social integration?*

Audiovisual translation from different angles, edited by Joselia Neves & Aline Remael, pp. 97-113.

- 2007. Médias audiovisuels et médiation langagière: quel avenir?, 40ème anniversaire de ASTTI (Association suisse de traducteurs, terminologues et interprètes), Berne, 29-30.9.2006. Actes publiés en DVD, ISBN 978-3-033-01463-3.

- 2007 Le sous-titrage: une traduction sélective, **Tradterm** 13, special issue on Audiovisual Translation, edited by Eliana Franco & Vera Lucia S.Araújo. pp. 51-69.

2008

- 2008. Les langues de spécialité : un champ de recherche réellement établi ?, **Circuit** 98, hiver 2008, pp. 13-15.

- 2008. Traduire l'autre. Une sub-version, **Etude de linguistique appliquée** 150, avril-juillet 2008, numéro sur *Identités affichées, Identités révélées*, coordonné par Mme M. Margarito, pp. 177-194.

- 2008. Recent developments and challenges in Audiovisual Translation Research (plenary speech), in: Delia Chiaro, Christine Heiss & Chiara Bucaria (eds) **Between Text and Image. Updating Research in Screen Translation** (Proceedings of the conference held in Forlì, 27-29.10.2005). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, pp. 11-33.

- 2008. Servitude of the liberated mediator. Revamping translation in the age of technology (plenary speech at the International conference on *Translation with computer-assisted technology*. Rome, 14-16.4.2004), in Steve Berneking & S.S. Elliott (eds) **Translation and the Machine: Technology, Meaning, Praxis**, pp.17-40. Rome: Edizioni di Storia e Letteratura.

- 2008 (with Patrick Cattrysse) Screenwriting and the translation screenplays, in Jorge Diaz-Cintas (ed.) **The Didactics of Audiovisual Translation**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, pp. 39-55.

- 2008. Entre littérature populaire et belles-lettres: asymétrie des rapports franco-finlandais (1951-2000), in: Gisèle Sapiro (éd.) **Translatio. Le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation**. Paris: éd. du CNRS, pp. 333-346.

- 2008: Flux social, flux terminologique: une dynamique incontrôlable ou prévisible, in: Actes du GLAT (Groupe de linguistique appliquée des télécommunications) : **Terminologie : Discours, technologie et acteurs**. Brest : Télécommunications Bretagne et Société française de terminologie, pp. 7-13.

- 2008. La traduction et après ?, in: Christian Baillu (éd.) **Traduire : un métier d'avenir**. Bruxelles: Editions du Hazard. Volume 2, pp. 47-65.

- 2008. Stratégies et tactiques en traduction et interprétation, in: Gyde Hansen, Andrew Cherteman & Heidrun Gerzymisch-Arbogast (eds) **Efforts and Models in Interpreting and Translation Research**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, pp. 63-82.

2009

- 2009. Les traducteurs créateurs: spécialistes ou professionnels ?, Actes (DVD, p.2-24) du colloque international **Théorie, pratique et didactique de la traduction spécialisée / Colocviu internațional : Teoria, practica și didactica traducerii specializate**. Craiova (Roumanie), 28-29.5.2009.

- 2009. Challenges in research on audiovisual translation, in Anthony Pym & Alexander Perekrestenko (eds) **Translation Research Projects 2**, pp. 17-25. Tarragona: Universitat Rovira I Virgili.

- 2009. Perception and reception of audiovisual translation: Implications and challenges, in Hasuria Che Omar, Haslina Haroon & Aniswald A. Ghani (eds) **The sustainability of the translation field** (Proceedings of the 12th International conference on Translation, 18-20.8.2009, Penang (Malaysia), pp. 40-57. Kuala Lumpur: Persatuan Penterjemah Malaysia.

-2009. (with Elena Boairskaia) Quality assurance: Translation Studies at the University of Turku and Immanuel Kant State University of Russia (Kaliningrad), in: **Quality Handbook of Higher Education in Finland and Russia** (documents compiled by Sonja Väinö). Turku: Turun Yliopisto, pp. 225-235.

- 2009. Traduire les écrans: défis et implications, in : **Fodorov Readings X. University Translation Studies**, 127-145 (Proceedings of the conference held in St Petersburg 23-25.10.2008, St Petersburg State University).

- 2009. Vers de nouvelles perspectives traductionnelles et traductologiques, in Hanamur Hasan, Alev Bulut & Arsun Uras-Yilmaz (eds) Proceedings: **Uluslararası Çeviri Kolokyumu : Uluslararası Diyalogün Odağında Bütün Yönleriyle Çeviri – International colloquium of Translation : Translation in all its aspects with focus on International Dialogue**. Istanbul 21-23.10.2009, pp. 32-47.

- 2009. Créativité et décision: le traducteur audiovisuel n'est pas une roue de secours, in: Federico Federici (ed.) 2009. **Translating regionalised voices in audiovisual translation**. Proceedings of the second international conference "Translating voices, translating

regions” held in Durham, 14-15.9.2007. Lanuvio: Aracne Editrice, pp. 179-195.

2010

-2010. Editeur avec Olli-Philippe Lautenbacher du numéro 15, juillet 2010, de **Glottopol** (revue de sociolinguistique en ligne) : *Oralité et écrit en traduction*. Avant-propos, pp. 2-4 ; Oralité et écrit en traduction, pp. 5-17.

-2010. Public communications: Beyond boundaries?, in: Christina Schäffner (ed.) International symposium **Political Discourse, Media and Translation**, Aston University, Birmingham 17.2.2007. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, pp. 233-242.

- 2010. Media, information et traduction à l'ère de la mondialisation, in: Roberto A. Valdéron (ed.) 2009 **Translating information**. Oviedo: Ediciones del Universidad de Oviedo, pp. 13-30.

- 2010. Interview , **Más y más**, July 2010, p. 5, online monthly Newsletter of *Nisi Masa*.

- 2010. Co-éditeur avec Luc Van Doorslaer: **Handbook of Translation Studies** (vol.1), 448 pages + index. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. Aussi disponible en ligne: www.benjamins.com/online/hts. Introduction, pp.1-2.

2011

- 2011. M4 et tradaptation (Multimodalité, multilinguisme, mutlimédia et multiple ressources), (discours de plénière, plenary speech), colloque international : **Communication électronique et situations mono et plurilingues : Formes, frontières, futurs**, Le Havre 9-10.2010. In : Fabien Liénard & Sami Zlitni (eds) : **La**

communication électronique : enjeux de langues, pp.157-164.
Limoges : Editions Lambert-Lucas.

- 2011. Co-éditeur avec Eija Suomela-Salmi (eds): **Hybridité discursive et culturelle**. Paris : L'Harmattan. 289p. Introduction: pp. 7-23.

- 2011. La retraduction: ambiguïtés et défis, in: Enrico Monti & Peter Schnyder (eds) : **Autour de la retraduction. Perspectives littéraires européennes**, pp.49-66 (Actes du colloque international de Mulhouse, 3-5.12.2009). Paris : éd. Orizons. 482 p.

- 2011. Co-éditeur avec Luc Van Doorslaer: **Handbook of Translation Studies** (vol. 2), 197 pages + index. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. Aussi accessible en ligne: www.benjamins.com/online/hts. Introduction: pp. IX-X.

2011: Entrée rédigée avec Peter Flynn (Lessius University College) **Methodology in Translation Studies**, in: Y. Gambier & L. Van Doorslaer (eds) **Handbook of Translation Studies**, vol .2: pp. 88-96. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

2012

- 2012 : Le traducteur défiguré ?, **Romanica Wratislaviensia** LIX, Actas Universitatis Wratislaviensis no 3389, sous la direction de Elżbieta Skibińska, Actes du colloque franco-polonais: **Les figures du traducteur**, Wraclaw 28-30. 2010, pp.13-24.

- 2012 : Une traductologie pour quelles pratiques traductionnelles? Special issue of **Target: The known unknown of Translation Studies** (Conference 20th anniversary of CETRA, Leuven, August 2009) 24 (1), 61-82. Re-edited in 2014 in the Series Benjamins Current Topics, BCT 69, pp. 89-110.

- 2012 : Du refoulement de la traduction à l'effervescence du traduire, *Forum* 10 (1), April 2012, pp. 31-55.
- 2012: co-éditeur avec Luc Van Dorrslaer, **Handbook of Translation Studies**, vol.3, 220 p. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins. Aussi accessible en ligne: www.benjamins.com/online/hts. Introduction: pp. XI-XII.
- 2012: Teaching translation/Training translator, in: Y.Gambier & Luc van Doorslaer (eds) **Handbook of Translation Studies**, vol. 3, pp. 163-171. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 2012. Denial of translation and Desire to translate, **Vertimo Studijos** (Vilnius, Lithuania) 5, pp. 9-29.
- 2012: The position of Audiovisual Translation Studies, in: Carmen Millán & Francesca Bartrina (eds): **The Routledge Handbook of Translation Studies**, pp. 45-59. London/New York: Routledge.

2013

- 2013. Dissémination et triangle culturel dans deux romans «algériens» de langue française (en collaboration avec Mirela Kumbaro-Furxhi), in : Jean Peeters & Jandhyala Prabhakara Rao (eds). **Translation and the Accommodation of Diversity. Indian and non-Indian Perspectives**, pp. 73-86. Francfort : Peter Lang, Academic Research.
- 2013. Bilinguisme et pratiques de la traduction/interprétation à l'ère de la mondialisation, **Herméneus** T.1, 15, 21-35 (pp. 21-27: en français ; pp. 29-35: en espagnol).
- 2013. Moves towards Multimodality and Language Representation in Movies, in: Elena Montagna (ed) **Readings in Intersemiotics and Multimedia**. Como, Pavia: IBIS, p.1-11.

- 2013 : Le traducteur, écho de sa tribu, **Synergies, Pologne**, 10, pp. 41-52. Actes du colloque international **Résonances de la traduction : littérature, culture, histoire**, 27-29.10.2011 Cracovie/Kraków. Edités par Jerzy Brzozowski & J. Górnikiewicz.

- 2013: co-éditeur avec Luc Van Doorslaer, **Handbook of Translation Studies (HTS)**, vol.4, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. Accessible aussi en ligne www.benjamins.com/online/hts. Introduction: pp. XI-XII.

- 2013: Genres, text-types and translation, in **HTS**, vol.4, pp. 63-69.

2014

- 2014. De quelques effets de l'internationalisation et de la technologisation, **Target** 26 (2), pp. 259-268. Numéro spécial édité par Michel Boyden sur Twenty Years of EST : *Same place, different times*. ISSN : 0924-1884

- 2014. Changing landscape in translation, **International Journal of Society, Culture and Language (IJSCL)**, disponible en ligne (www.ijscsl.net) depuis le 17 février 2014 (12 pages), puis dans le volume 2, numéro 2 de la revue, septembre 2014, pp. 1-12. ISSN 2329-2210.

- 2014. Convergence entre journalistes et traducteurs, site **EurActiv**, blog 24.9.2014 (www.euractiv.com) .

- 2014. Une traductologie pour quelle pratiques professionnelles, in: E. Brems, R. Meylaert, L. Van Doorslaer (eds) **The Known Unknown in of Translation Studies**, pp. 89-110. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins : Benjamins Current Topics/BCT 69. ISBN: 978 90 272 4257.

- 2014. Enjeux actuels des métiers de la traduction (12 pages) in : Veronica Benzo, Fabrizio Impellizzeri, Antonio Lavieri et Loredana Trovato (eds) **Les liaisons plurilingues. Lingue, culture, professionn** (Ebook). Modena : MucchiEditore. ISBN 978-88-7000-648-3. <http://www.mucchieditore.it>.

- 2014 (2015). Co-edited with Annamaria Caimi & Cristina Mariotti: **Subtitles and Language Learning. Principles, strategies and practical experiences**, Bern: Peter Lang. 351 pages. ISBN 978-3-0343-1529-6.

- 2014 (2015): Subtitles and Language Learning: Theoretical background, in: Yves Gambier et al. (eds) **Subtitles and Language Learning. Principles, strategies and practical experiences**, pp. 63-82.

- 2014. A conversation between Yves Gambier and Jeremy Munday about transcreation and the future of the professions, **Cultus, the Journal of Intercultural Mediation and Communication** 7, pp. 20-36 (on-line: www.cultusjournal.com). ISSN: 2035-2948.

- 2014. Co-written with Carmen Valero Garcés, “Mapping translator training in Europe”, **Turjuman** 23 (2), pp. 279-303. ISSN: 1113-1292.

- 2014. Thirty years of research in subtitles and language learning. The knowns and unknowns, in Beatrice Garzelli & Michela Baldo (eds). **Subtitling and Intercultural communication. European languages and beyond**, pp. 145-168. Pisa: Edizioni ETS, Series Interlingua. ISBN: 978-884674149-3.

- 2014. La langue de l'autre ou l'expulsion des hôtes, **Meta** 59 (3), décembre 2014. ISSN : 0026-0452 (imprimé), 1492-1421 (numérique).

2015

- 2015. “Beyond Borders: Paradoxes and Challenges”, **Journal of Siberian Federal University (SFU). Humanities & Social Sciences**, February 2015, vol. 8 (2), 349-361. ISSN: 1997-1370 (print), 2313-6014 (Online).
- 2015. Co-written with Turo Rautaoja. “L’auto-traduction : une pratique ancienne, un concept ambigu. Le cas du Suédo-finlandais Karl Ekman», **Glottopol** 25, Janvier 2015, pp. 151-162. On line journal : <http://glottopol.univ-rouen.fr>. ISSN : 1769-7425.
- 2015. (forthcoming) Concepts, méthodes, médias : trois mots-clés de l’historiographie de la traductologie (plenary speech), The Low countries Conference II : **Transferring Translation Studies**, Antwerp-Utrecht 28-30.11.2013.
- 2015. (forthcoming) Un futur partiellement codé dans le passé : la traduction collaborative, colloque de Mulhouse, 5-7.12.2013.

Yves GAMBIER

Docteur en linguistique de l’Université de Rouen (France).

Position actuelle: professeur émérite (Emeritus professori) de la filière Traduction et d’Interprétation de l’Université de Turku. Research fellow, University of The Free State, Bloemfontein, janv. 2015-déc. 2017.

Adresse professionnelle: Koskenniemenkatu 4 - 20 500 TURKU (Finlande) tél. +358-1- 333 87 25; courriel: yves.gambier@utu.fi

Centres d'intérêt (avec plus de 180 publications: articles, exposés repris dans des Actes, ouvrages, monographies): en terminologie et discours de spécialité (depuis 1976), en traductologie (depuis 1977), sur l'analyse de discours et l'analyse conversationnelle (depuis 1978), sur le bilinguisme en Finlande (depuis 1984), sur les problèmes d'éducation bilingue précoce (depuis 1989), sur la traduction audiovisuelle (depuis 1991), sur la formation des traducteurs et interprètes.

Coordinateur de différents projets de **recherche** dont le plus récent: *Subtitles and Language Learning*, financé par le programme européen Lifelong Learning/Education et Formation tout au long de la vie, 2009-2012. Membre de projets européens (Marie Curie, 2010-2014) et nordique (Conseil Nordique, 2010).

Edition: General editor of Benjamins Translation Library; membre du comité consultatif de *Nordeuropäische Beiträge aus den Human- und Gesellschaftswissenschaften*, Peter Lang; membre de comités de rédaction de plusieurs revues dont *Babel*, *JoLIE* (*Journal of Linguistics and Intercultural Education*), *Monti*, *Target*, *Terminology*, *Sendebär*, *Hermeneus*, *Synergies*, *TTR* ; co-éditeur de *Translation Studies Bibliography* (TSB) et du *Handbook of Translation Studies* (HTS) (les deux en ligne).

Expertise : Président du groupe d'experts dans le projet EMT/ European Master's in Translation (2007-2010); membre du Conseil de EMT (2010-2014). Vice-président (1993-1998) puis Président (1998-2001 et 2001-2004) de la Société européenne de traductologie (European Society for Translation Studies-EST); président du Comité FIT pour les médias (1993-2004); vice-président (1996-1998) puis président (1998-2004) de l'European Association for Studies in Screen Translation. Professeur invité CETRA (Séminaire doctoral européen en traductologie) en septembre 1997.

Ai dirigé une dizaine de thèses de doctorat et ai été membre de plusieurs jurys de soutenance en Finlande et à l'étranger.

Ai présidé une vingtaine de comités scientifiques de conférences internationales.

Ai organisé et participé à des ateliers et séminaires de formation de formateurs en traduction.

Ai présidé le workshop annuel en traduction du Réseau baltique : Baltic Sea Region University Network (BSRUN) entre 2006 et 2012.

Co-éditeur ou éditeur des ouvrages suivants

(liées aux thèmes mentionnés ci-dessus):

1986: *Trans* (270p.). Turku: Turun Yliopisto/University of Turku-Kääntäjänkoulutuslaitos/ School of Translation Studies.

1986: *La Finlande bilingue: histoire, droits et réalités* (500p.). Montréal, Québec: Conseil de la langue française.

1986: *Le français et les domaines de spécialité: besoins et formation* (175p.). Jyväskylä: Korkeakoulujen Kielikeskusten Julkaisuja 22 (Centre des langues de l'enseignement supérieur).

1988: *Interactions* (192p.). Rouen: Cahiers de linguistique sociale 13, Université de Rouen.

1989: *La Finlande bilingue: pratiques et évaluations* (119p.). Rouen: Cahiers de linguistique sociale 15, Université de Rouen.

1989: *Bibliographie fondamentale et analytique de la terminologie* (105p.), avec J.Cl.Boulangier. Laval, Québec: CIRB-Centre international de recherche sur le bilinguisme.

1990: *Lectures de textes* (192p.). Jyväskylä: Korkeakoulujen Kielikeskusten Julkaisuja.

1990: *Transfer-Viestin Siirto* (145p.). Turku: Turun Yliopisto/ University of Turku-Kääntäjänkoulutuslaitos/School of Translation Studies.

1992: *La littérature finlandaise en français: bibliographie 1842-1992* (74p.). Nouvelle édition revue et augmentée, 1997 (82p.). Turku: Université de Turku-Institut de traduction.

1993 : *Translation and Knowledge* (Proceedings of the 4th Scandinavian Symposium on Translation Theory/ Actes du 4^{ème} Colloque Scandinave en théorie de la traduction.

Turku - 2-4.6.1992) (380p.), avec Jorma Tommola. Turku: Kääntämisen ja Tulkkauksen Keskus/Centre for Translation and Interpreting.

1994: *Language transfer and audiovisual communication. A bibliography* (80p.). Nouvelle édition revue et augmentée, 1997 (102p.). Turku: Kääntämisen ja Tulkkauksen Keskus/Centre for Translation and Interpreting.

1995: *Communication audiovisuelle et transferts linguistiques/ Audiovisual communication and language transfer*. Actes de la conférence de Strasbourg, 22-24.6.1995. In: *Translatio XIV* (3-4), 290p.

1995 : numéro spécial de *TTR* 8 (1), juin 1995: *Orientations européennes en traductologie*.

1996: *Les transferts linguistiques dans les médias audiovisuels* (250p.). Lille: Presses universitaires du Septentrion.

1997: *Conference Interpreting. Current Trends in Research* (Actes de la conférence de Turku, 25-27.8.1994) (244p.), avec D.Gile & Ch.Taylor. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

1998: *Translating for the Media* (Actes de la conférence de Berlin, 22-23.11.1996) (317p.). Turku: Kääntämisen ja Tulkkauksen Keskus/Centre for Translation and Interpreting.

Livre épuisé/sold out.

1998: *Discours professionnels en français* (224p.). Berne: Peter Lang.

2000: *Translation in Context*. Selected contributions from the EST Congress in Granada (23-26.9.1998). (393p.). Co-éditeur avec Andrew Chesterman et Nati Gallardo san Salvador. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

2001: *(Multi)media Translation. Concepts, Practices and Research* (Actes du séminaire international de Misano, sept.1996, et de la conférence de Berlin, octobre 1998). (322p.). Co-éditeur avec Henrik Gottlieb. 322p. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

2001: *Kääntämisen opetussanasto*, avec Riina Kosunen & Susanne Väisänen. Adaptation finnoise de J.Delilse et als (eds). 1999: *Terminologie de la traduction* (J.Benjamins). Disponible sur le Net: <<http://www.utu.fi/hum/centra/pedaterm>>

2003: guest editor du numéro spécial de *The Translator* 9(2), novembre 2003, p.171-388 (217p.) sur Screen translation.

2004: éditeur du numéro spécial de *Meta*, 49(2), avril 2004, 220p., sur la traduction audiovisuelle.

2004 : Co-éditeur avec Luc Van Doorslaer de *Translation Studies Bibliography* (complétée et mise à jour en permanence), John Benjamins.

2006: co-éditeur avec Jorma Tommola *Translating and Interpreting. Training and Research. Traduction et interprétation: formation et recherche. Kääntäminen ja tulkkaus. Koulutusta ja tutkimusta* (195p.). Turku: Turun Yliopisto.

2007: *Doubts and Directions in Translation Studies*. Selected contributions from the 4th EST Congress in Lisbon (29-30.9.2004). Co-éditeur avec Miriam Shlesinger & Radegundis Stolze. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.

2007: co-éditeur avec Luc van Doorslaer du no spécial de *Target* 18 (2) sur *The Metalanguage of Translation* (réédité en **2009** dans la collection Benjamins Current Topics) **2010** : co-éditeur avec Olli-Philippe Lautenbacher du no 15, juillet 2010, de *Glottopol*, revue de sociolinguistique en ligne : *Oralité et écrit en traduction*.

2010: co-éditeur avec Luc Van Doorslaer de *Handbook of Translation Studies*, vol.1 (aussi disponible en ligne), John Benjamins. Volume 2 : **2011**. Volume 3 : **2012**. Volume 4 : **2013**.

2011 : co-éditeur avec Eija Suomela-Salmi de *Hybridité discursive et culturelle* (289p.) Paris: L'Harmattan.

2015 : co-éditeur avec Annamaria Caimi & Cristina Mariotti de *Subtitles and Language Learning*. Berne : Peter Lang.

Recebido em: 11/12/2014

Aceito em: 27/01/2015